

Florilégio historiográfico: dez estudos de Historiografia do Português

Maria Filomena Gonçalves

Universidade de Évora

filomenagoncalves@sapo.pt

Dedicado à Historiografia do Português, o presente volume da revista *Limite* reúne contribuições de especialistas num domínio da investigação que, nos últimos anos, tem conhecido um significativo desenvolvimento tanto em Portugal como no Brasil.

Em função do enfoque epistémico – mais filosófico ou mais linguístico – mas também das tradições nacionais –, os estudos de natureza historiográfica recebem várias denominações, a saber, Historiografia Linguística, Historiografia da Linguística, História da Linguística, História das Ideias Linguísticas ou História do Pensamento Linguístico. Independentemente das diferenças terminológicas, merece hoje consenso a definição da Historiografia Linguística como a disciplina que, segundo Pierre Swiggers, um dos seus teorizadores, “descreve e explica como o conhecimento linguístico foi sendo adquirido, formulado e comunicado, e como evoluiu no tempo”. Subjacente a esta disciplina, a “reconstrução do passado” supõe, assim, retraçar conceptualizações, metalinguagens, metodologias, conteúdos e contextos, perspetivas prescritivas, descritivas e analíticas, e bem assim as práticas inerentes ou associadas aos géneros textuais que, ao longo da história, serviram para regular ou sancionar os usos da língua.

A Historiografia Linguística ganhou visibilidade na década de 70, com a criação da colecção *Studies in the History of Language Sciences* e da revista *Historiographia Linguistica* (HL), ambas sob a chancela da prestigiosa editora John Benjamins, a publicação da revista *H.E.L. – Histoire Epistemologie Langage* e a fundação da *S.E.H.L. – Société de d'Histoire et d'Epistémologie des Sciences du Langage*, à qual se seguiriam, na década de 80, a *Henry Sweet Society for the History of the Linguistic Ideas* e a *North American Association for the History of the Language Sciences (NAAHoLS)*. A afirmação da disciplina far-se-á, igualmente, graças à criação de centros de

investigação que levam a bom porto projetos de fôlego europeu, como é o caso do *Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistiques*, criado em 1984. À Historiografia Linguística consagram-se igualmente reuniões científicas como o *ICHOLS - International Conference on the History of the Language Sciences*, que se realiza, de três em três anos, desde 1978, sendo que a próxima conferência terá lugar em Portugal.

Em Espanha, a consolidação da Historiografia Linguística levou à criação, em 1995, da *SEHL - Sociedad Española de Historiografía Lingüística*, cujo primeiro *Boletín Informativo* sai em 1998, e que celebra Congressos de dois em dois anos. A dinâmica da historiografia do espanhol estende-se igualmente a países sul-americanos como a Argentina, onde em 2009 foi criada a *RAHL - Revista Argentina de Historiografía Lingüística*.

Em Portugal, como referido acima, a Historiografia Linguística tem conquistado terreno graças a investigadores das Universidades de Aveiro, Évora, Porto, Trás-os-Montes e Alto Douro, muito embora a implantação da disciplina ainda não se tenha traduzido na criação de um periódico especializado. Apesar disso, a publicação em 2010, pela Nodus Publikationen (Münster), dos dois volumes de *Ideias Linguísticas na Península Ibérica (séc. XIV a séc. XIX)*, editados por Carlos Assunção, Gonçalo Fernandes e Marlene Loureiro, mostra a afirmação da disciplina historiográfica; e outro tanto se pode dizer da vultuosa obra de Helena Pessoa Santos sobre *As ideias linguísticas na centúria de Oitocentos* (2 vols.), saída dos prelos no mesmo ano, com a chancela da Fundação Calouste Gulbenkian. A par deste movimento, tem-se verificado não só uma enriquecedora aproximação entre os historiógrafos portugueses e seus colegas espanhóis mas também uma relevante investigação sobre as tradições gramaticais das duas línguas vizinhas, linha historiográfica que fica bem exemplificada no nº 3 de *Gramma-Temas - España y Portugal en la tradición gramatical*, publicado em 2008 em León, e bem assim em vários estudos de Rogelio Ponce de León, colaborador deste volume.

Às evidências do florescimento da Historiografia Linguística em Portugal importa acrescentar a investigação brasileira, que em muito contribui para a elevada produtividade desta disciplina. Boa parte dos investigadores integra o Grupo de Trabalho (GT) de Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL – Associação Nacional de Pós-

Graduação em Letras e Linguística –, coordenado por Cristina Altman. A existência de um GT que reúne os historiógrafos da Língua Portuguesa traduz o (re)conhecimento, formal e institucional, da importância deste domínio como uma disciplina enquadrável e necessária nos planos de formação avançada.

Do mesmo modo, a criação do CEDOCH – *Centro de Documentação em Historiografia Linguística* (Universidade de São Paulo) –, em 1994, por Cristina Altman, cujo texto abre este volume, revela a institucionalização desta disciplina.

No Brasil as linhas de investigação historiográfica têm privilegiado, além da história da gramática portuguesa em território sul-americano, a construção de um discurso (meta)linguístico em torno da “brasilidade” e, como não poderia deixar de ser, o processo de “gramaticalização” das línguas indígenas, domínio que hoje se conhece como Linguística Missionária. Além da Universidade de São Paulo (USP), estes dois percursos têm sido impulsionados por investigadores da Pontifícia Universidade Católica (São Paulo), da Universidade de Campinas e da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Neste número monográfico da revista *Limite* reúnem-se dez textos representativos de algumas das principais linhas da investigação historiográfica do Português, com destaque para a história da gramática da língua portuguesa, assunto em cujo âmbito se inscrevem os trabalhos de Rolf Kemmler, Maria Helena Pessoa Santos, Ricardo Cavaliere e Neusa Bastos, que se detêm em diferentes tópicos ou autores da tradição gramatical, tanto em Portugal como no Brasil. Com efeito, o estudo de Rolf Kemmler traz novos e relevantes dados acerca das *Regras da Língua Portuguesa, Espelho da Latina*, obra a vários títulos assinalável na gramaticografia portuguesa; Maria Helena Santos resgata do esquecimento a *Grammatica das gramaticas portuguezas* (1850); Ricardo Cavaliere analisa a gramaticografia brasileira à luz do binómio “tradição-inovação”; e Neusa Bastos, baseada em textos do século passado, revisita as classes gramaticais, tópico nuclear da história da gramática.

De gramática tratam ainda, se bem que na perspetiva do ensino-aprendizagem do Português como língua não materna, os estudos de

Rogelio Ponce de León y Barbara Schäfer-Prieß, que se debruçam, respetivamente, sobre o primeiro manual do português como língua estrangeira e sobre as primeiras gramáticas portuguesas para alemães, demonstrando-se, em ambos os casos, a importância deste género textual para a história da gramaticografia do Português e do ensino deste como língua não materna.

Embora a gramática receba, em geral, uma parte de leão no estudo das tradições nacionais, o certo é que a dicionarística portuguesa também tem vindo a merecer uma crescente atenção, sendo objeto de projetos de grande fôlego. Centrado na produção bilingue (francês-português), o artigo de João Paulo Silvestre é um exemplo cabal da importância desse género lexicográfico.

Entre os tópicos mais recorrentes na Historiografia Linguística figura o da *authoritas*, tema que enlaça com a legitimação dos usos e do património linguístico, consoante demonstra Ana Paula Banza ao analisar como o Padre António Vieira se repercute nas *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*, de Francisco José Freire.

Numa linha historiográfica diferente situa-se, por sua vez, o trabalho de Cristina Altman, que analisa as “partes da oração” no contexto da tradição histórica e gramatical do *Tupinambá/Nhengatu*, tema do maior interesse para a Historiografia Missionária. Diferente é também a orientação do estudo de Olga Coelho, autora que traz para a ribalta Macedo Soares, lexicógrafo e estudioso do Português no Brasil, que contribuiu para a afirmação da identidade linguística brasileira.

Os dez textos aqui reunidos constituem um florilégio historiográfico que, honrando a Historiografia Linguística, também homenageia, *in memoriam*, o Professor Amadeu Torres.